

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências



**Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)**

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências



**Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)**

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social

Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay

Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA

Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

A pesquisa e o ensino das ciências humanas: mudanças e tendências

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P474 A pesquisa e o ensino das ciências humanas [recurso eletrônico] :
mudanças e tendências / Organizadoras Denise Pereira, Janaína
de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-220-3

DOI 10.22533/at.ed.203202207

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Metodologia.
I. Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

CDD 001.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Um dos aforismos famosos do filósofo estóico romano Seneca é dizer que a pessoa quando ensina, aprende. De fato, a profunda relação entre ensinar e aprender é retomada, de tempos em tempos por diferentes pensadores de diversos países.

Essa preocupação se dá justamente por que, enquanto seres humanos estamos envolvidos, a todo momento com as distintas dimensões de ensinar e aprender e com a produção de conhecimento como um todo. Pensar, refletir aprender, são ações essencialmente humanas, momentos de construção de todo um escopo de experiências coletivas e individuais. Ainda que não esteja presente na frase de Sêneca do começo deste texto, outra dimensão nessa relação de ensinar e aprender é o ato de pesquisar. Não podemos dizer que a pesquisa figura exatamente como um “elemento oculto” do aforismo, (ou seja, que não é citado, mas está presente). Ainda assim, não é incorreto dizer que o ato de pesquisar é um sustentáculo de todo e qualquer ensino. De fato, não há ensino sem pesquisa, e não há pesquisa sem divulgação do saber o que é, de certa maneira, ensino.

A palavra pesquisa tem estado muito presente do nosso senso comum, nossa vida cotidiana, uma pesquisa pode envolver tanto a busca por menores preços, ou informações concretas para a tomada de uma decisão cotidiana qualquer, como também pode se referir a raciocínios e processos complexos e controlados em procedimentos substanciais de produção do conhecimento. Um modo de vida. Em comum, ambos os significados tem o fato de que a pesquisa é um elemento fundante da experiência humana. Na área de ciências humanas, as investigações feitas, como é da própria natureza da área, sempre existe um amálgama bastante presente entre pesquisa, seus métodos e paradigmas e o ensino. Neste sentido temos assistido, no século XXI uma mudança significativa. Se a sociedade muda e novas são suas demandas, aspirações e necessidades, muda também o entendimento dos diferentes fenômenos sociais e as exigências inerentes ao seu processo de ensino. Assim, no mundo em que vivemos com o crescimento do espaço ocupado pelo ambiente virtual, as demandas de conhecimento e do mercado de trabalho da atualidade, balizam mudanças constantes que visam entender esse movimento ininterrupto, suas transformações e tendências.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS SOBRE BULLYING	
Laís Caroline Amaral de Almeida Luciana Aparecida Nogueira da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.2032022071	
CAPÍTULO 2	18
A CONSTRUÇÃO DE UM PESQUISADOR A PARTIR DE SUAS IMPLICAÇÕES E INFLUÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE INSTITUCIONAL	
Mayhara Alves de Lima Aidecivaldo Fernandes de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.2032022072	
CAPÍTULO 3	29
A EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CONTINUADA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
André Luis Quinelato Claudia Gallert Graziela Cantelle de Pinho Isadora Goedert Jacqueline Maria Duarte Lewandowski Jéssica Fernanda Wessler Ferreira Luzia Alves da Silva Silvana Lazzarotto Schmitt Telma Beiser de Melo Zara	
DOI 10.22533/at.ed.2032022073	
CAPÍTULO 4	41
A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO FRENTE A DIMENSÃO SOCIAL DO SUJEITO	
Maria Adalgiza Albuquerque Succi	
DOI 10.22533/at.ed.2032022074	
CAPÍTULO 5	55
AÇÕES AFIRMATIVAS: VAGAS PARA GRUPOS SOCIAIS E ÉTNICO-RACIAIS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS (UEG)	
Júlio César Xaveiro dos Santos Divina Aparecida Leonel Lunas	
DOI 10.22533/at.ed.2032022075	
CAPÍTULO 6	64
EDUCAÇÃO DO CAMPO E MOVIMENTOS SOCIAIS: UM EXEMPLO TEÓRICO E PRÁTICO NO ESTADO DO PARÁ	
Joaquim Augusto Souza de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.2032022076	
CAPÍTULO 7	91
ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO PARA UM(A) “PESQUISADOR(A) EMANCIPADO(A)” NAS PESQUISAS EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
Lara Brum de Calais	
DOI 10.22533/at.ed.2032022077	

CAPÍTULO 8	106
EXPANSÃO, ENADE E INDICADORES DE QUALIDADE DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Ana Lúcia Cunha Duarte Ana Beatriz Frazão da Silva Rafael Mendonça Mattos	
DOI 10.22533/at.ed.2032022078	
CAPÍTULO 9	118
FAZER PESQUISA EM HUMANIDADES HOJE, OU SOBRE OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NO CAMPO CIENTÍFICO	
Rubens da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.2032022079	
CAPÍTULO 10	134
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO INFANTIL: O ALUNO COMO PROTAGONISTA DA APRENDIZAGEM	
Larissa Andrade Silva Elisabete Tomomi Kowata	
DOI 10.22533/at.ed.20320220710	
CAPÍTULO 11	142
O PAPEL DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E AS TEORIAS CRÍTICAS: CONTRIBUTO DOS ENUNCIATIVOS CONTEMPORÂNEOS	
Fábio Brum Diego da Costa dos Santos Diogo Dias de Paula Muniz	
DOI 10.22533/at.ed.20320220711	
CAPÍTULO 12	153
PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO INDÍGENA: SAÍDAS POSSÍVEIS SOB A ÉGIDE DA DEMOCRACIA	
Humberto Teixeira Ramos Lilian Miranda Bastos Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.20320220712	
CAPÍTULO 13	171
POR UM ENSINO TRANSDISCIPLINAR: UM ENSAIO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO	
Josimar Monteiro Santos	
DOI 10.22533/at.ed.20320220713	
CAPÍTULO 14	182
QUEM REPRESENTA OS ESTUDANTES? DEMOCRACIA E UNIDADE NO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CONTEXTO DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA	
Isabella Yi Ni Vargas Chen Antonio Euzébios Filho	
DOI 10.22533/at.ed.20320220714	
CAPÍTULO 15	201
RELAÇÕES INTERPESSOAIS: REFLEXOS NO ENSINO	
Jânia Félix de Jesus Ferreira Núbia de Fátima Félix Ferreira Altina Abadia da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.20320220715	

CAPÍTULO 16	212
FRACASSO ESCOLAR E EVASÃO: UM ESTUDO SOBRE A DIFICULDADE PARA LER E ESCREVER Karla Aparecida Zucoloto DOI 10.22533/at.ed.20320220716	
CAPÍTULO 17	217
UM BREVE HISTÓRICO DAS FEIRAS DE CIÊNCIAS NO MUNICÍPIO DE ALTO ALEGRE/RR - 1997 A 2019 Marilene Kreutz de Oliveira Ivanise Maria Rizzatti Lenir Santos do Nascimento Moura Jesucina do Nascimento Moura Oliveira Eliaquim Barbosa Pereira DOI 10.22533/at.ed.20320220717	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	231
ÍNDICE REMISSIVO	232

A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS SOBRE BULLYING

Data de aceite: 01/07/2020

Laís Caroline Amaral de Almeida

Licenciatura em Matemática do Ibilce/UNESP

Luciana Aparecida Nogueira da Cruz

Departamento de Educação do Ibilce/UNESP

RESUMO: Esta pesquisa é uma proposta de abordagem crítico-reflexiva a respeito do fenômeno *bullying* em quatro instituições escolares públicas. Este tema versa sobre a violência enquanto ações agressivas e, muitas vezes, criminosas, apresentadas por alunos, crianças e adolescentes na escola contra os pares. As questões a serem respondidas por meio desta pesquisa são: os alunos sofrem situações de intimidação, ameaça e agressões na escola? Em caso afirmativo: os professores e gestores percebem que estas situações acontecem? Temos como hipótese que, nas escolas em que prevalecem relações mais democráticas, promovem-se ambientes em que o desenvolvimento moral e a adesão de valores dos alunos são mais propensos, visto que é entendida e praticada como um espaço para promoção da democracia, participação, relações de cooperação e de solidariedade, tendo ações de intervenções ao *bullying*.

Ancorado no referencial teórico da Psicologia Genética de Jean Piaget e em outros estudiosos da moralidade, buscar-se-á identificar, por meio de uma pesquisa exploratória de cunho quantitativo, a visão dos estudantes, professores e gestores sobre o *bullying*, suas ações e intervenções sobre o problema em sua escola a partir de um questionário fechado. Em última instância, esta pesquisa visa avançar nas questões morais e de *bullying* no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*; escola democrática; moralidade.

ABSTRACT: This research is a proposal for a critical-reflexive approach regarding the bullying phenomenon in four public school institutions. This theme deals with violence as aggressive and, often, criminal actions, presented by students, children and adolescents at school against peers. The questions to be answered through this research are: do students suffer situations of intimidation, threat and aggression at school? If so, do teachers and managers realize that these situations happen? We hypothesize that, in schools where more democratic relations prevail, environments are promoted in which students' moral development and adherence to values are more likely, since

it is understood and practiced as a space for the promotion of democracy, participation, cooperative and solidarity relations, taking actions to intervene in bullying. Anchored in the theoretical framework of Genetic Psychology by Jean Piaget and other scholars of morality, we will seek to identify, through an exploratory research of a quantitative nature, the view of students, teachers and managers about bullying, its actions and interventions about the problem in your school from a closed questionnaire. Ultimately, this research aims to advance moral and bullying issues in the school environment.

KEYWORDS: Bullying, democratic school, morality.

1 | INTRODUÇÃO

Presenciamos diariamente pelas mídias uma avalanche de notícias sobre violências de diversas formas. Não raro, há casos de violência em escolas, pois esta não está imune aos problemas que a sociedade vivencia. É muito comum no ambiente escolar um tipo de violência específico, o denominado *bullying*. A presente pesquisa tem como tema este fenômeno que atinge cerca de 45% de estudantes em todo o mundo, segundo pesquisa publicada pela Organização das Nações Unidas – ONU em 2016.

Para compreender o fenômeno do *bullying*, primeiramente devemos entender e conceituar o que é um conflito. O termo “conflito”, de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa (1992), tem sua origem na palavra latina *conflictus*, que significa choque, investida. Também é conceituado como oposição de interesses, ideias, lutas e desentendimentos. Desta forma, podemos atribuir o termo “conflito” tanto a situações individuais e internas quanto a situações coletivas. Conforme afirma Vinyamata (2005), o conflito faz parte das relações humanas, é um processo natural e necessário, podendo ser um fator positivo ou negativo, ou seja, fator de crescimento pessoal ou destrutivo, “[...] não é bom nem mau, simplesmente existe” (VINYAMATA, 2005, p. 101).

O *bullying*, especificamente, é um tipo de conflito que não está relacionado a brincadeiras espontâneas e ingênuas. São atitudes sistemáticas de abuso de poder, continuamente vindas de uma ou mais pessoas em direção a um alvo, no caso, o aluno. Muitos dos casos abrangem contato físico, difamações, xingamentos, entre outros.

Em uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2016, com 100 mil crianças e jovens de 18 países, mostrou que cerca de 50% desses entrevistados já sofreram algum tipo de *bullying*. Dentre os 18 países analisados, Argentina, Chile, Uruguai e Colômbia lideram as pesquisas com uma média de 40,3% de casos de *bullying*. Tal pesquisa apontou, ainda, que o fenômeno é mais comum em países mais pobres e que, na maior parte deles, os meninos e as crianças mais jovens enfrentam o problema com mais frequência.

Já em outra pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde e pelo IBGE, com contribuição da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da USP, apontou que 20,8% dos estudantes

brasileiros já praticaram algum tipo de *bullying*. Para 18,6% dos pesquisados, o fenômeno ocorreu devido à aparência do corpo, seguido da aparência do rosto com 16,2%. Ainda temos 6,8% dos casos envolvendo cor ou raça, 2,9% orientação sexual, 2,5% religião e 1,7% região de origem.

Tendo em vista os dados apresentados, notamos que o *bullying* é um tipo de violência que se alastrou por toda a parte, principalmente nas escolas e entre jovens e adolescentes. Devemos sempre ter em mente que, por se tratar de uma violência e por suas vítimas serem na maioria crianças e jovens, é preciso sempre buscar métodos e para tentar lidar com tal fenômeno.

2 | DESENVOLVIMENTO MORAL INFANTIL

O desenvolvimento moral infantil tem sido tema de estudiosos da área da Psicologia moral e da Educação (Cf. LA TAILLE, 2010; MACEDO, 1996; TOGNETTA, 2007; VINHA, 2011). A escola é o lugar onde se tem um número significativo de indivíduos oriundos de diversos contextos, o que enriquece o estudo de campo, quando se visa a compreensão e a construção do desenvolvimento moral.

Há uma preocupação referente aos problemas e às queixas escolares em relação ao desenvolvimento moral. Preocupa-se muito com regras convencionais e, dessa forma, tem-se deixado de referenciar e de trabalhar no contexto escolar com as regras de convivência. Como cita Nucci, “reações às mudanças sociais rápidas são geralmente acompanhadas pelo receio de que valores básicos não estejam sendo transmitidos aos jovens, e que a nova geração esteja entrando em um período de moralidade reduzida”. (NUCCI, 2000).

Piaget (1988) desenvolveu um estudo sobre as práticas que conduzem a tendência moral nas escolas. Para isso, analisou as relações entre professor e alunos, o ambiente moral e a interação aluno-aluno. Ao analisar esses aspectos, o autor encontrou dois tipos de escolas - a escola tradicional e a escola ativa. A escola tradicional, segundo Piaget, baseia as suas práticas educativas na coação. Eram impostas aos alunos regras que fortaleciam o individualismo. “A escola tradicional conhece apenas um tipo de relação social: a ação do professor sobre o aluno” (PIAGET, 1988, p. 177). Para Piaget, a ação do professor sobre o aluno é tudo, pois ao estar revestido de autoridade intelectual e moral, e o aluno sendo obediente, essa relação social permanece.

Observa-se que, na escola tradicional, a relação professor-aluno é baseada no respeito unilateral, ou seja, o professor determinava o que os alunos deveriam fazer e os alunos apenas obedeciam. As relações aluno-aluno eram reduzidas, pois não tinham atividades em grupo.

A escola ativa, ao contrário da escola tradicional, é baseada na necessidade e nos interesses pessoais dos alunos, prioriza as atividades realizadas em grupo, colocando em

primeiro lugar, assim, as trocas sociais entre as crianças. Também estimula a solidariedade e a cooperação. Os métodos de educação citados por Piaget, Dewey e Decroly mostram que foram reservadas a vida social entre as crianças. “(...) os alunos ficaram livres para trabalhar entre si, e colaborar na pesquisa intelectual tanto quanto no estabelecimento de uma disciplina moral; esse trabalho em equipe e esse *self government* tornaram-se essenciais na prática da escola ativa” (PIAGET, 1988, p.177).

Piaget (1988) conclui mostrando que a escola ativa favorece o desenvolvimento da autonomia das crianças, enquanto na escola tradicional, as crianças demonstram maior heteronomia em seus juízos morais.

La Taille (1998) mostra em sua pesquisa que a educação autoritária tende a formar indivíduos submissos, conformistas, obedientes a uma autoridade e, dessa forma, mantém em altos níveis de heteronomia. La Taille (1996) considera que toda moral pede disciplina, entretanto nem toda disciplina é moral. Para o autor, nem toda a indisciplina é condenável do ponto de vista moral, por isso é preciso ter cuidado ao avaliar situações de indisciplina. Do mesmo modo que nem toda indisciplina pode ser considerada condenável moralmente. Ao leitor iniciante, pode dar margem que o aluno que segue normas escolares de comportamento seja necessariamente um modelo de valores. Entretanto, precisa-se tomar cuidado, uma vez que ele pode agir dessa forma por medo do castigo, por conformismo, por obediência acrítica.

Em oposição, em uma escola cujo ambiente é cooperativo, as regras devem ser elaboradas por todos os membros: desse modo, todos exercem a manutenção do respeito, uma vez que a responsabilidade nesse modelo de relação é compartilhada. O papel do professor, nessa perspectiva, é saber os objetivos das construções das regras, e, ao mesmo tempo, dar aos alunos a liberdade de vivenciarem as tomadas de decisões e as responsabilidades (CALIL, 2013). Nesse sentido, a escola democrática passa a ser mediadora da construção da autonomia moral dos alunos e proporciona um clima positivo para as relações de convivência. É nessa perspectiva que inserimos em nossos estudos o tema do *bullying*.

Quando vimos uma ação violenta, devemos ter em mente que antes de tudo, essa foi uma forma de resolver um conflito. Porém, tal forma de “resolução” pressupõe e acarreta o uso de coerção física ou psicológica, uma agressão cujo cerne é a “intenção de causar prejuízo ao outro, aliada à expectativa de que tal objetivo será atingido.” (LEME, 2004, p. 165).

Alguns dados apontam que tais atitudes podem ser ligadas a aspectos emocionais e afetivos como tristeza, emoções contidas, frustrações, intimidações, ameaças, entre outros.

Normalmente, os indivíduos que apresentam esse tipo de comportamento agressivo não conseguem visualizar outra forma de resolver seus conflitos, a não ser agir de forma violenta.

Pesquisas mostram que é possível, sim, reverter este quadro da agressão por meio de intervenções, intervenções estas que devem ser iniciadas o quanto antes, seja no âmbito familiar ou escolar, pois quanto mais cedo se começa a banir as atitudes agressivas, mais cedo elas se extinguem.

Em uma pesquisa realizada pela UNESCO, 53% dos colégios particulares não tomam os cuidados necessários para evitar a ocorrência de incidentes violentos e proteger alunos e professores. Na rede pública, esse número sobe para 65%. De acordo com esta pesquisa, vemos também um pouco de descaso das escolas em tentar intervir nessas situações. Porém, para nós, educadores, entrarmos com atitudes de intervenção, primeiramente é necessário termos um conhecimento sobre os tipos de conflitos que podem vir a aparecer no ambiente escolar. Tendo conhecimento sobre esses conflitos, fica mais fácil identificá-los e tratá-los corretamente, de forma plausível e sem denegrir a imagem do agressor e da vítima.

3 | O FENÔMENO *BULLYING*

Dan Olwers (1993), pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, foi um dos pioneiros a tratar sobre o assunto *bullying*, e um dos primeiros a realizar estudos na área de violência escolar. Foi ele quem desenvolveu e estudou os primeiros métodos de identificação do fenômeno, podendo, assim, fazer a diferenciação entre *bullying* e outras possíveis interpretações sobre o comportamento dos alunos.

Segundo Olwers, o fenômeno pode ser definido em dois tipos, baseados em como ele ocorre: o *bullying* direto e o *bullying* indireto. O primeiro caracteriza-se pelo ataque de aluno para aluno, envolvendo ofensas verbais e contato físico. Já o segundo, acontece quando a vítima é excluída dos grupos de convívio dos alunos, dificultando, assim, que ela faça novos amigos em sala de aula. Entretanto, o autor ressalta que podemos notar uma clara associação entre as duas maneiras, pois a vítima que sofre constantemente o *bullying* direto acaba sendo rejeitada e excluída dos grupos de convívio dos alunos.

Segundo um estudo de Fante (2005), no qual foram entrevistados cerca de 84.000 estudantes de diversos períodos e escolas, 400 professores e cerca de 1.000 pais. Tal pesquisa constatou que, a cada grupo de 7 alunos, 1 estava diretamente ligado ao *bullying*.

Em outras pesquisas, Olwers (1993) encontrou grandes evidências, em um grupo de jovens entre 13 e 16 anos vítimas de *bullying*, de que esses jovens estariam pré-dispostos a tornarem-se depressivos aos 23 anos, tendo como causa maior a perda da autoestima e da autoconfiança.

Martins (2005), baseado em outros autores que tratam sobre o tema, define os comportamentos do *bullying* em três categorias, as quais explicamos a seguir:

- a. **Direto e Físico:** abrange violências físicas, como bater, dar pontapés, extorquir

dinheiro, roubar ou estragar objetos, entre outros.

- b. Direto e Verbal:** neste caso, podemos dizer que abrange todo o tipo de violência verbal, como fazer gozações, comentários de cunho racial, comentários que salientam algum tipo de deficiência, entre outros.
- c. Indireto:** refere-se a situações onde não notamos diretamente algum tipo de violência, seja física ou verbal, porém se tratam de situações e atitudes que, de certa forma, manipulam a vida social da vítima.

Ainda dando ênfase ao diagnóstico do fenômeno, Fante (2005) realiza uma listagem que distingue os envolvidos no *bullying*. Segundo a autora, temos:

- a. Vitima Típica:** geralmente, é uma pessoa pouco sociável que sofre frequentemente com agressões físicas ou verbais, porém não possui recursos, status ou habilidades para fazer com que tais agressões cessem.
- b. Vitima Provocadora:** é aquela pessoa que, de certa forma, “procura” as agressões sem conseguir posteriormente lidar com suas consequências. Em suma, são pessoas inquietas, dispersas, irritantes e que quase sempre são responsáveis por criar climas tensos no ambiente.
- c. Vitima Agressora:** é aquela pessoa que reproduz os maus tratos que sofre em outras mais frágeis, ou seja, acabam expressando sua indignação com violência, aumentando, assim, o número de vítimas.
- d. Agressor:** é aquele que pratica a violência com os mais frágeis. Na maioria dos casos, são pessoas que sentem a necessidade de dominar e de subjugar as outras, não se importando de usar a violência para tal objetivo.

O alvo do *bullying* pode, de fato, ser mais fraco fisicamente ou pode perceber-se física ou mentalmente mais fraco que o agressor (Cf. OLWEUS, 1999-2013). Na maioria dos casos, o que leva uma pessoa a sofrer *bullying* está diretamente ligado a sua imagem, seu modo de agir ou de pensar. Dessa forma, ele é, de maneira geral, um alvo fácil, que apresenta pouca habilidade social, dificultando, assim, o cessar das agressões. Isso acaba levando a vítima a concordar, mesmo inconscientemente, com a imagem que lhe está sendo imposta. (TOGNETTA, 2010b).

Tognetta e Daud (2016) alertam para o fato de que o *bullying* ainda é um fenômeno pouco conhecido e pouco estudado pelos educadores:

Somada à desinformação, há uma tendência a menosprezar-se esse tipo de violência já que ela não afeta diretamente a autoridade em questão. Julgada muitas vezes como natural entre as crianças e jovens, ou mesmo como uma forma de aprendizagem, os educadores parecem valer-se de desengajamentos morais que mais os encaminham a refutar o problema do que a, de fato, auxiliar na sua superação (TOGNETTA e DAUD, 2016, p. 2).

O *bullying* tem um grande poder traumático para as vítimas. Del Barrio e seus colaboradores (2005) compreendem que, se a agressão ocorrer uma única vez, mas

de maneira intensa, será o suficiente para que aquele que recebeu a agressão reviver constantemente o ato em sua memória. Porém, para Juvonen e Grahon (2014) e para Nishina e Juvonen (2005), a não repetição do acontecimento não deve fazer com que seja deixado para trás, tendo em vista que um único trauma pode gerar medo na vítima e acarreta a expectativa de abusos contínuos.

Referindo-se ao Brasil, Fante (2005) afirma que o fenômeno é uma realidade inegável nas escolas brasileiras e que podemos encontrá-lo em diversos ambientes, enfatizando que não importa o turno, o tamanho da escola, se a escola é pública ou particular, em cidades grandes ou pequenas, estão todos vulneráveis e convivendo com o *bullying*.

Essa questão de coro mundial acarreta grandes consequências para a humanidade, diretamente ligadas a transtornos emocionais e sociais.

Segundo Fante (2005), o fenômeno *bullying* abrange um comportamento cruel, onde os mais frágeis são vistos como objeto de diversão para os mais fortes. Ainda segundo a autora, as consequências para esses jovens podem ser graves, como queda no rendimento escolar, desinteresse pela escola, déficit de aprendizagem e até mesmo o abandono dos estudos.

Segundo Silva (2010), tais consequências podem ser psicossomáticas ou ainda transtornos como depressão, fobia escolar, transtorno de pânico, ansiedade generalizada, entre outros. A autora ainda reforça que, em casos mais extremos, podem ser observados quadros de esquizofrenia, de homicídio e até de suicídio.

Um fato pouco conhecido é como as relações fora do ambiente escolar podem influenciar diretamente no envolvimento de estudantes com o *bullying*. Uma pesquisa realizada pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP) da USP aponta que as más relações dentro de casa afetam diretamente o comportamento das crianças e adolescentes dentro do ambiente escolar. Para Wanderlei Abadio, psicólogo e pesquisador responsável pelo estudo, tanto as vítimas quanto os agressores envolvidos com o *bullying* possuem histórico de más relações familiares. Tal pesquisa foi realizada com 2.354 estudantes entre 10 e 19 anos, em escolas públicas de Uberaba/MG. Os resultados mostram que os estudantes sem envolvimento com o *bullying* apresentam melhores interações familiares, demonstradas através de cuidado, afeto, boa comunicação com os pais, que, por sua vez, também mantêm boa relação conjugal. Outro aspecto importante é que esses pais estabeleciam regras dentro de casa e também supervisionavam seus filhos nas horas de folga.

Ainda segundo o pesquisador, as famílias dos estudantes envolvidos com o *bullying* são consideradas menos funcionais, isto é, ao contrário das famílias citadas acima, não colaboram com o crescimento dos sentimentos positivos dos filhos, não auxiliam nas tomadas de decisões de forma saudável, não realizam uma boa comunicação entre os indivíduos que moram na mesma residência, não possuem regras, entre outros fatores.

Abadio ainda destaca quanto os bons momentos em família são importantes: “para

que haja funcionalidade nas famílias é preciso valorizar o tempo que pais e cuidadores passam juntos com os filhos, não em termos de quantidade, mas de qualidade afetiva”. (ABADIO). Desse modo, a pesquisa visa mostrar que o comportamento das famílias, aliado ao incentivo aos estudos e à já mencionada boa comunicação, pode contribuir e muito para a erradicação do *bullying*, pois através dessa convivência em família vão ensinar os filhos a serem tolerantes e a respeitarem as diferenças do outro.

4 | O CLIMA ESCOLAR E O BULLYING

Ao tratarmos do *bullying* e do clima escolar, primeiramente é necessário conceituar o termo “clima escolar”. Segundo Vinha, Morais e Moro (2017),

“o clima da escola, ou atmosfera escolar, é caracterizado por um sentimento geral que favorece o bom relacionamento e uma identificação necessária ao funcionamento adequado da instituição. O clima corresponde às percepções de toda a equipe escolar, dos docentes, discentes, equipe gestora, funcionários e famílias, a partir de um contexto real comum, portanto, constitui-se por avaliações subjetivas.” (VINHA et al., 2017)

O clima escolar, portanto, influencia diretamente na dinâmica e nos relacionamentos escolares, interferindo na qualidade do ambiente de convívio e na qualidade do processo de aprendizagem.

La Russo e Selman (2011) e Ferrans e Selman (2014), com base em pesquisas sobre o assunto, indicam que a forma pela qual o clima é percebido pode ter diferentes efeitos no comportamento dos alunos. Gage, Prykanowske e Laeson (2014) dizem ainda que os alunos se dedicam e cooperam mais a partir do momento em que se sentem seguros, o que pode refletir tanto nas relações interpessoais quanto no rendimento escolar.

Pesquisas apontam ainda que os alunos se sentindo mais conectados e engajados com a escola se envolvem menos em comportamentos de risco como o *bullying*.

Vimos também nestas pesquisas que a perpetração do *bullying* está ligada a visões mais negativas da escola, incluindo baixo desempenho acadêmico, evasão dos estudos, suspensões, fracasso escolar, dentre outros. (BRADSHAW et al., 2007; BRADSHAW et al., 2009; O'BRENNAN; FURLONG, 2010, BRADSHAW et al., 2013). Além disso, tais estudos documentaram que ser alvo está associado a efeitos aversivos a curto e a longo prazo, no que diz respeito aos aspectos sociais e emocionais.

Outro aspecto importante a ser tratado quando falamos de clima escolar e *bullying*, é o papel da família. Devemos ter em mente que a família tem um papel fundamental, pois a falta de envolvimento e a influência negativa dos pais podem influenciar diretamente na perpetração do *bullying* no ambiente escolar, e o maltrato dos pais para com os seus filhos pode influenciar a vitimização. (DUCAN, 1999; ESPELAGE, BOSWORTH; SIMON, 2001.)

Em pesquisas feitas por Mayer-Adams e Conner (2008), tiveram a participação de 5351 estudantes de 11 a 14 anos de idade. Os resultados apontam que comportamentos de vitimização e *bullying* eram preditores negativos para o ambiente psicossocial da

escola. Quando os alunos são vitimados ou participam ativamente e diretamente para com comportamentos de *bullying*, a percepção do ambiente psicossocial pode ser negativa. Deste modo, concluem que se as percepções dos alunos acerca do ambiente são negativas, são bem maiores as chances de que tais reajam de modo negativo e violento.

Por outro lado, se temos um clima escolar positivo, onde segurança emocional e física são garantidas, pode-se associar um grande diferença, com resultados positivos dos alunos, acarretando a diminuição da violência escolar (NANSEL et al., 2001; GAGE, N. A.; PRYKANOWSKI, D. A.; LARSON, 2014) e a vitimização (GOTTFREDSON et al., 2005).

Para Klein, Cornell e Konold (2012) e Loukas e Murphy (2007), o clima escolar pode, sim, ser um fator de proteção, sendo que um clima positivo acaba diminuindo a probabilidade de situações de *bullying*, e ainda acaba acarretando um melhor desempenho acadêmico e social.

Em pesquisas sobre o tema, Cohen (2006) examina milhares de escolas americanas e encontra que os adultos da comunidade escolar acreditam e classificam o *bullying* como sendo um problema “moderado” e “moderadamente severo”. Segundo Thapa e colaboradores (2012), mais de 160 mil alunos faltam da escola por medo de sofrerem *bullying*.

Ainda nos Estados Unidos, Cohen e Freiberg (2013) apontam que 49 estados já criaram leis *antibullying* que obrigam a implementação de programas e medidas de intervenção.

Já no Brasil, tais medidas legais aconteceram mais recentemente. Ainda no ano de 2018, mais especificamente no dia 14 de maio de 2018, entrou em vigor a lei N° 13.663

IX-promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas;

X-estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.(NR).

Acredita-se que, com a implantação de tal lei, os casos de *bullying* no Brasil comecem a cessar.

5 | CYBERBULLYING

Nesse momento histórico da nossa sociedade, estamos presenciando o advento da tecnologia, em que as formas de relações sociais entre as pessoas estão se tornando cada vez mais virtuais. Porém, atrás desse avanço, encontramos uma forma de violência que atravessa as fronteiras da escola e do espaço familiar. Tal violência é chamada *cyberbullying*.

Avilés (2009, p.79) define tal violência como uma forma de “assedio entre iguais através do celular e da internet.”

O blog *Cyberbullying: ciberacoso escolar entre menores* (FERNÁNDEZ, s.d.) em Mendoza, na Argentina, aponta que, no ano de 2011, 19% dos alunos entre 9 e 17 anos sofreram *bullying* através da internet ou celular. No México em 2016, 4% das crianças e jovens sofreram com esse tipo de violência pela internet.

Em 2010, o estudo *Juventud y Violencia*, realizado na Espanha, constatou que 11,6% dos adolescentes espanhóis já haviam sofrido maus tratos psicológicos através da internet e 8,1% através do celular.

Em outra pesquisa realizada na Espanha, Alemanha, Canadá, França, Austrália, Estados Unidos, Itália, Reino Unido e Japão, constatou-se que 1 a cada 6 crianças (16,7%) sofreram algum tipo de violência virtual no ano de 2011.

No Brasil, os dados não são diferentes. Segundo a organização não governamental PLAN, em 2010, entre 5 mil estudantes brasileiros de 10 a 14 anos, 17% já foram alvo de *cyberbullying*.

Nos dias atuais, encontramos a maioria dos jovens tendo fácil acesso e muitas vezes sem controle de acesso à internet, tornando-se assim alvos fáceis para sujeitos com intenções maliciosas.

Apesar de o *cyberbullying* ocorrer frequentemente fora do ambiente escolar, é na escola que suas repercussões são refletidas devido à popularidade das tecnologias. É por tal motivo que não podemos deixar o assunto longe de ser debatido e trabalhado tanto com os docentes, quanto com os alunos.

Avilés (INTECO, 2012) já garantiria que, por se tratar de uma forma indireta de agressão, o *cyberbullying* favorece a aparição de agressores indiretos, que buscam certa segurança na hora de atacar, inclusive aqueles que não o fariam numa situação cara a cara.

Contudo, em todos os casos, o autor de *cyberbullying*, assim como o de *bullying*, é “um menor que não tem uma escala de valores conforme um código moralmente aceitável” (p. 29). São meninos e meninas que escolhem o abuso, o domínio, o egoísmo, a exclusão, os maus tratos, ao invés de valores como a generosidade, a justiça, a tolerância ao diferente e, portanto, carecem daquilo que temos insistentemente chamado de “sensibilidade moral” (AVILÉS, 2010; TOGNETTA; VINHA, 2009; TOGNETTA, 2010, 2011; TOGNETTA; ROSÁRIO, 2012).

6 | MÉTODO

Num primeiro momento, foi feito um levantamento bibliográfico a fim de fundamentar teoricamente o estudo. Para isso, serão realizadas inicialmente a busca e a leitura de literatura especializada no âmbito nacional e internacional, e em seguida fichamento do referencial teórico. Serão utilizadas fontes primárias, tais como livros, monografias, teses, relatórios, dentre outros; fontes secundárias, como documentos advindos a partir

de documentos primários (artigos, dicionários, etc.) e fontes terciárias, como documentos que possuem o propósito de orientar a pesquisadora ao longo das duas primeiras fontes, como bibliografias, catálogos, índices, dentre outros. O levantamento bibliográfico será feito tendo como base livros, periódicos, bases de dados nacionais e internacionais e internet.

A presente pesquisa faz parte de uma pesquisa maior que avaliou o Clima escolar de quatro escolas públicas. O instrumento foi constituído a partir de uma matriz formada por oito dimensões inter-relacionadas, consideradas constituintes do clima escolar: 1ª) Infraestrutura e a rede física da escola; 2ª) Família, escola e comunidade; 3ª) As relações com o ensino e com a aprendizagem; 4ª) As relações sociais e os conflitos na escola; 5ª) Regras, sanções e segurança na escola; 6ª) As situações de intimidação entre alunos; 7ª) As relações com o trabalho; 8ª) A gestão e a participação. Dessa forma, têm-se três instrumentos direcionados a professores, gestores e alunos do 7º ao 9º ano do ensino fundamental (VINHA, 2015).

A presente pesquisa tem como foco analisar os dados da dimensão 4, “intimidações”.

Responderam ao instrumento 1031 estudantes do 7º, 8º e 9º anos de quatro escolas públicas estaduais de São José do Rio Preto.

6.1 Análise dos dados

A análise das respostas será submetida a um tratamento quantitativo (estatística simples- frequência e porcentagem).

Primeiramente, vamos analisar, individualmente de cada uma das quatro escolas, os dados apresentados na dimensão 4 que aborda as situações de intimidação e de maus tratos entre os pares na escola. Os dados foram traduzidos em gráficos para melhor tratamento.

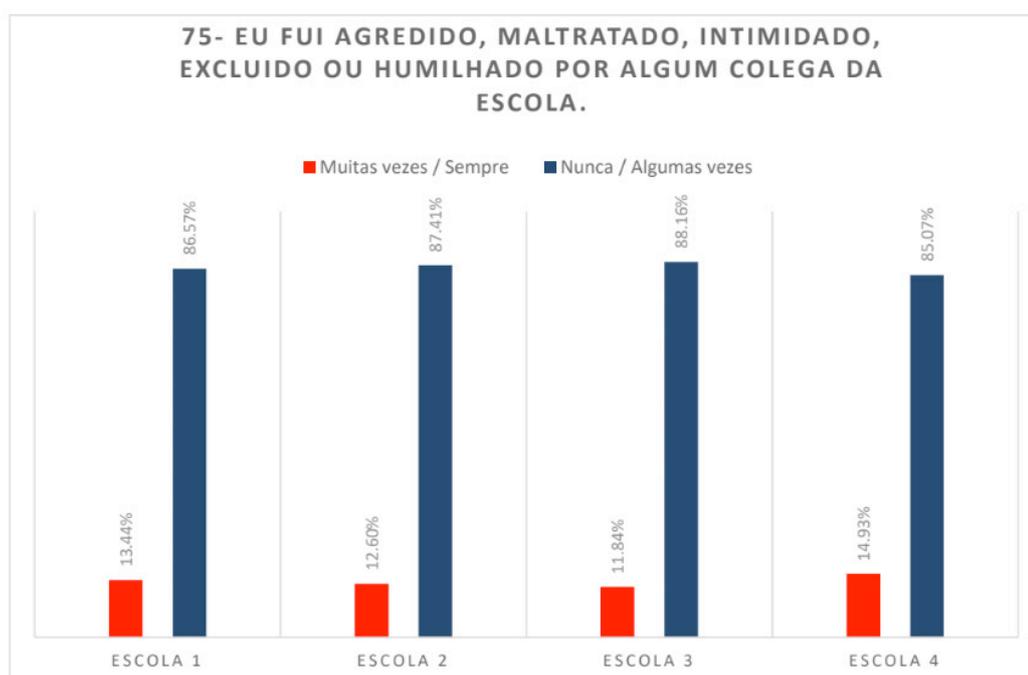


GRÁFICO 1 - TÍTULO

FONTE: elaboração própria

No Gráfico 1, podemos analisar o aspecto 75, onde foi feito o questionamento “Eu fui agredido, maltratado, intimidado, excluído ou humilhado por algum colega da escola.”. Vimos, neste aspecto, as pessoas que se declaram como vítimas de algum tipo das violências citadas. Ao analisar os dados coletados na pesquisa, temos um total, envolvendo as 4 escolas, de 13,29% de alunos que disseram já ter sofrido com isso, seja muitas vezes ou sempre. Transformando esse percentual em quantidade de alunos, temos 137 em um total de 1031 alunos. Podemos constatar também que a porcentagem de cada escola é aproximadamente a mesma, sendo a Escola 4 a que apresenta um índice um pouco maior.

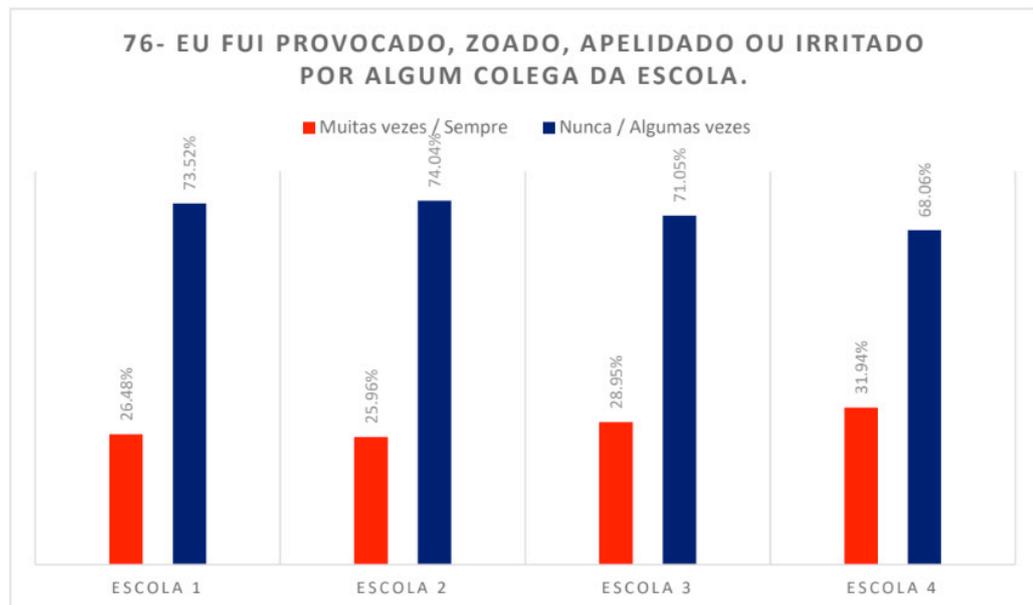


GRÁFICO 2 - TÍTULO

FONTE: elaboração própria

No gráfico 2, continuamos analisando o lado da vítima, mudando o tipo das violências. Aqui neste aspecto, percebemos um significativo aumento nos percentuais: temos uma média de 28,42% de alunos que admitiram já ter sido vítimas destas situações. E, novamente, podemos perceber que a escola 4 se sobressai nas porcentagens, agora com 31,94%.

Podemos transformar tais percentuais em quantidade de alunos para podermos ter uma melhor dimensão do problema. Somando as quatro escolas, temos um total de 293 alunos que admitiram já terem sido vítimas destas violências.

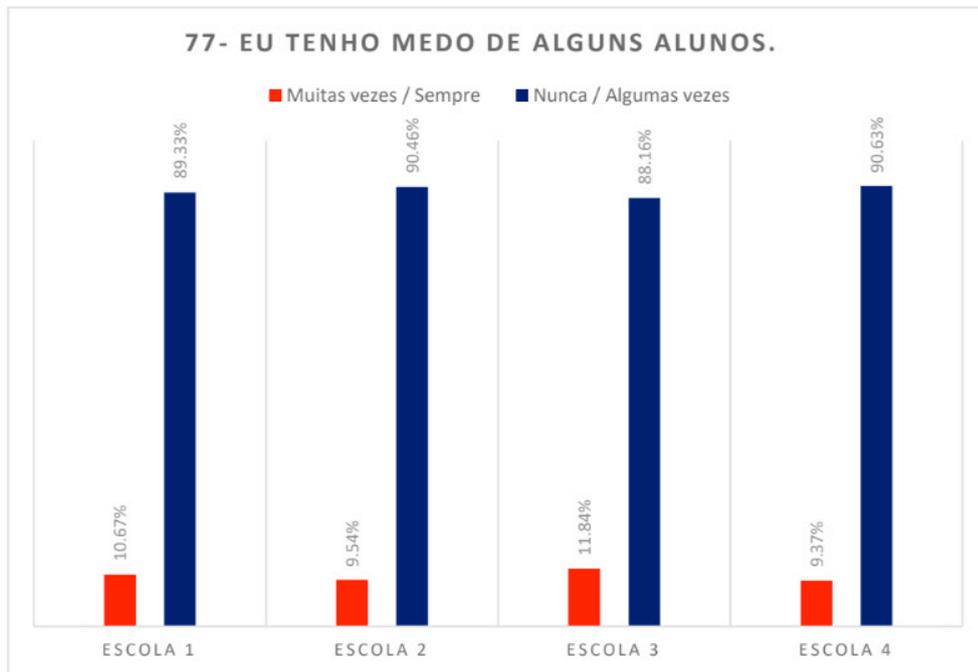


GRÁFICO 3 - TÍTULO

FONTE: elaboração própria

No gráfico 3, analisamos um quesito muito significativo, o qual aborda os indivíduos que dizem ter medo de outros alunos. Aqui, temos 10,28% dos alunos entrevistados nas quatro escolas que admitiram que, sim, tem medo de algum colega. Transformando este percentual em quantidade, temos um total de 106 alunos.

Neste quesito, podemos perceber que a escola que mais se sobressai é a terceira, com 11,84%.

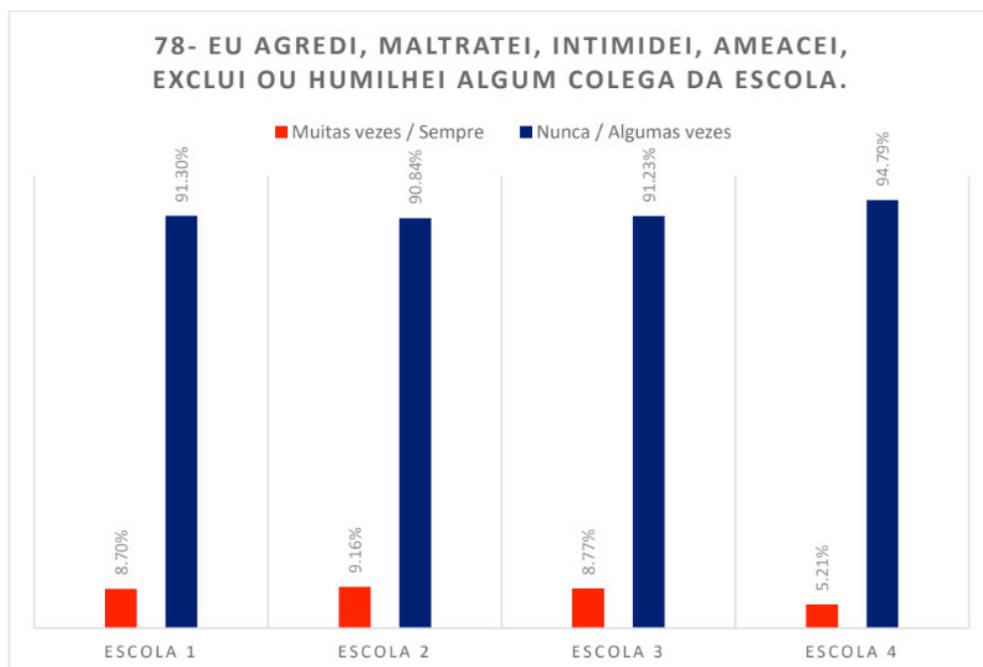


GRÁFICO 4 - TÍTULO

FONTE: elaboração própria

A partir do gráfico 4, vamos começar a analisar os aspectos em relação aos agressores. Nesta questão, apenas 7,85% dos alunos entrevistados admitiram já terem agredido, maltratado, ameaçado, excluído ou humilhado algum colega da escola. Podemos perceber, aqui, um pouco de dificuldade dos agressores ao admitirem as agressões. Ao transformarmos essa porcentagem, temos um total de apenas 81 alunos admitindo serem autores das violências.

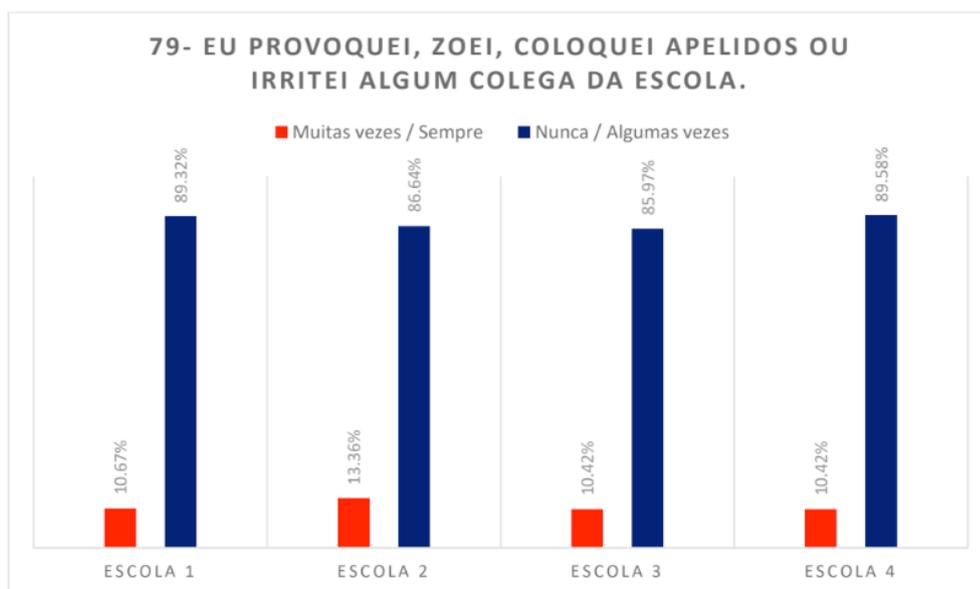


GRÁFICO 5 - TÍTULO

FONTE: elaboração própria

Agora, novamente, temos os autores das agressões. Temos 12,06% dos entrevistados admitindo que já provocaram, zoaram, colocaram apelidos ou irritaram algum colega da escola. Transformando tal percentual, temos 124 alunos assumindo serem autores de tais violências. Podemos perceber, no gráfico 5, que a escola 2 apresentou o maior percentual de alunos que admitiram serem os autores.

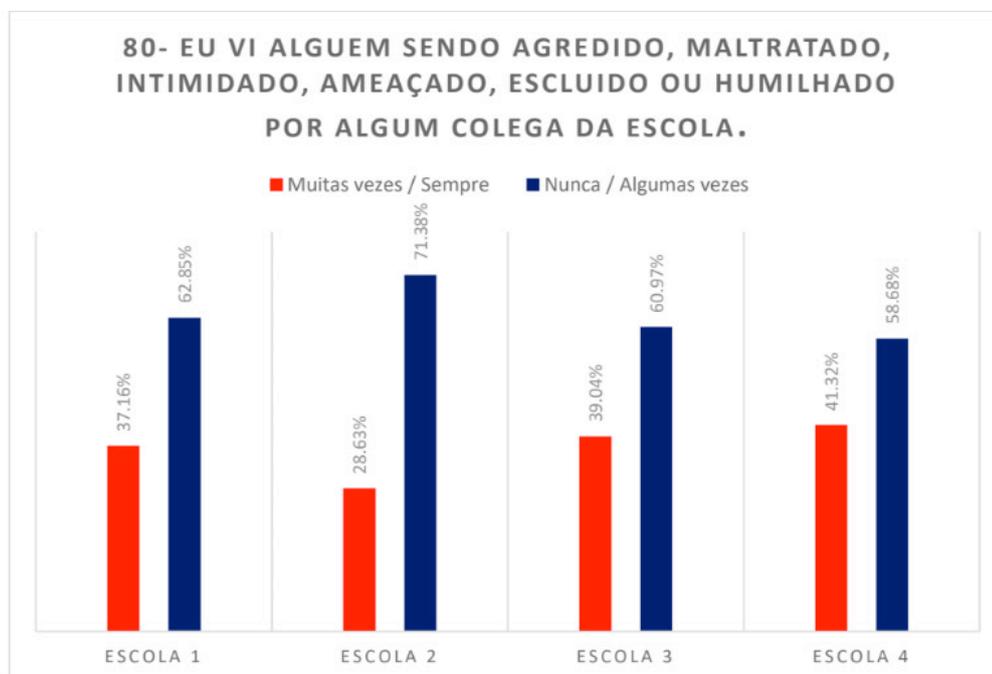


GRÁFICO 6 - TÍTULO

FONTE: elaboração própria

No gráfico 6, analisamos os espectadores ou as testemunhas. Temos 36,56% dos alunos admitindo já terem visto alguém sendo agredido, maltratado, intimidado, ameaçado, excluído ou humilhado por algum outro colega da escola. Temos em números, 377 alunos que presenciaram tais fatos. Novamente, a escola 4 se sobressai, com cerca de 41,32%.

Ainda a respeito das testemunhas, podemos fazer uma análise de quais os locais em que as agressões são vistas com maior frequência.

<u>LOCAL</u>	<u>TOTAL DAS 4 ESCOLAS</u>
Na classe	20,17%
Nos corredores	20,17%
No pátio	36,18%
37,44% Nos banheiros	15,61%
Na quadra	19,59%
No refeitório / Cantina	19,11%
Em locais próximos da escola	44,52%
Através da internet ou celular	

TABELA 1 - TÍTULO

FONTE: elaboração própria

Podemos analisar quais locais onde as violências acontecem com maior frequência. Nota-se que os maiores percentuais são no pátio (36,18%), em locais próximos da escola (44,52%) e através da internet ou celular (37,44%).

7 | CONCLUSÃO

Ao longo de todo o processo de desenvolvimento deste trabalho, tivemos a oportunidade de analisar diversas pesquisas sobre o fenômeno *bullying*, o que nos permitiu ter uma noção do quão importante o assunto é. Também adquirimos conhecimentos de como ele se dá nas escolas. A partir dos materiais coletados, fomos para uma pesquisa de campo, na qual nosso objetivo era perceber como o fenômeno se dava em escolas do noroeste paulista. Vale ressaltar que esta pesquisa é somente uma parte de outra ainda maior sobre o clima escolar.

Como já mencionado, o *bullying* não é um fenômeno presente somente no ambiente escolar. Segundo Tognetta (2012), a escola é o ambiente onde temos uma maior concentração de convivência entre pares; logo, há uma maior propensão de que se aconteça dentro da instituição.

Ao analisarmos os dados da dimensão 4 “as relações sociais e os conflitos na escola”, buscamos perceber os possíveis autores e as possíveis vítimas de *bullying*. Em tal dimensão, vimos que cerca de 7,7% dos alunos admitiram já terem agredido, maltratado, intimidado, ameaçado, excluído ou humilhado algum colega na escola. Embora o percentual pareça ser pequeno, não deixa de ser preocupante, pois tais situações não podem ser encaradas como normais dentro de uma instituição de ensino, visto que é através destas situações de intimidação e de violência que o clima escolar acaba ficando negativo, propiciando outras séries de desvantagens.

Segundo Wrege (2017), um clima escolar positivo dentro da escola acaba acarretando menos pessoas envolvidas em situações de violência e de intimidação.

A partir de todas as pesquisas feitas para a elaboração deste trabalho, podemos constatar também o grande número de pessoas que sofrem com o *cyberbullying*, um tipo de *bullying* cometido através de celulares e da internet. De acordo com os dados da nossa pesquisa, temos que 37% das violências presenciadas por terceiros foram testemunhadas através da internet ou do celular.

Outro local que teve um percentual de testemunhas bem acentuado foi o pátio. A incidência neste local pode se relacionar ao fato de que é o ambiente onde os alunos convivem mais entre si.

REFERÊNCIAS

CALIL, J. A. B. C. *Concepção e implementação das regras na escola: a visão de equipes gestoras de escolas públicas de uma cidade do interior paulista*. 221f. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas, São Paulo. 2013.

LA TAILLE, Y J.J.M.R. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

_____. *Limites: três dimensões educacionais*. São Paulo: Ática, 1998.

MACEDO, L. (Org.). *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 37-104.

NUCCI, L. *Psicologia moral e educação: para além das crianças “boazinhas”*. Educação e Pesquisa. São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022000000200006>. Acesso em: 20 mai. 2016.

PIAGET, J. *O Juízo Moral na Criança*. Tradução de Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.

_____. *Psicologia e pedagogia*. Tradução de Dirceu Accioly Lindoso. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1998.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. *A prática de regras na escola: ambiente autocrático X ambiente democrático*. In: I Encontro sobre Educação Moral: ética na pós modernidade. Rio Claro, 2007.

VINHA, T. (Org.). *Conflitos na instituição educativa: perigo ou oportunidade?* Campinas: Mercado de Letras, 2011.

_____. Projeto de pesquisa: *Em busca de caminhos que promovam a convivência respeitosa em sala de aula todos os dias*: investigando o clima escolar. 2015.

WREGGE, G. M. *Um Olhar Sobre O Clima Escolar e a Intimidação: Contribuições Da Psicologia Moral*. 390 f. Tese (Doutorado em [colocar a área de estudo]). [colocar a universidade], [colocar a cidade], 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura Familiar 64, 65, 66, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 88, 89, 165

Análise Institucional 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28

Aprendizagem 6, 7, 8, 11, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 60, 110, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 154, 156, 162, 201, 208, 212, 213, 214, 215, 216, 222, 223

Aprendizagem Ativa 134, 141

B

Bullying 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 16

C

Campo 3, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 142, 146, 149, 151, 164, 166, 174, 176, 180, 189, 191, 199, 221, 223

Ciência 27, 29, 31, 39, 59, 60, 89, 95, 102, 104, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 143, 159, 166, 169, 173, 176, 205, 212, 214, 218, 219, 220, 222, 223, 225, 226, 228, 229, 230

Comunicação 7, 8, 118, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 192, 194, 221, 222, 231

Conhecimento 5, 20, 21, 25, 26, 27, 31, 32, 36, 38, 40, 45, 47, 50, 53, 54, 56, 65, 72, 91, 92, 93, 96, 97, 99, 100, 103, 104, 116, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 139, 141, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 156, 159, 162, 165, 167, 168, 185, 186, 189, 194, 210, 211, 215, 218, 220, 223, 231

Construção do Conhecimento 103, 104, 134, 139

Cotas 55, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 75, 194, 195, 197

D

Diário de Campo 91, 93, 98, 100, 101, 126

E

Educação 1, 3, 4, 16, 17, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 77, 78, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 132, 134, 135, 137, 140, 141, 142, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 197, 200, 201, 202, 206, 208, 210,

211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231

Emancipação 61, 91, 94, 99

ENADE 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

Ensino 11, 16, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 57, 59, 61, 62, 76, 77, 86, 87, 89, 91, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 134, 135, 136, 137, 142, 148, 149, 154, 156, 161, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 188, 189, 191, 193, 195, 200, 201, 202, 206, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

Escola Democrática 1, 4

Expansão 106, 117

F

Formação Continuada 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 60, 225, 226

Função Social 41, 44, 49, 51, 143, 196, 197

I

Implicação 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 104, 192

Inclusão 32, 55, 56, 57, 61, 73, 87, 97, 197, 223

Indicadores de Qualidade 106, 107, 108, 110, 116, 117

M

Metodologia 18, 21, 26, 27, 36, 39, 41, 78, 107, 117, 133, 134, 135, 136, 140, 176, 191, 192, 209, 213, 214, 222, 224, 229

Metodologias Ativas 134, 141

Moralidade 1, 3, 173

Movimentos Sociais 58, 59, 64, 65, 66, 68, 70, 73, 75, 86, 88, 156, 187, 192, 194, 199, 200

O

Observação Participante 91, 93, 98, 99, 104

P

Pedagógicas 41, 42, 49, 50, 51, 54, 86, 90, 149, 155, 161, 163, 167

Pesquisa 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 37, 38, 39, 41, 50, 55, 56, 57, 62, 64, 69, 79, 84, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 133, 135, 142, 143, 144, 145, 150, 151, 153, 163, 167, 168, 169, 170, 190, 192, 193, 201, 202, 209, 211, 219, 220, 221, 224, 225, 226, 228, 229, 230

Pesquisa Acadêmica 18, 22

Pesquisa de Campo 16, 91, 100

Pesquisador 5, 7, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 91, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 118, 119, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 149, 165, 224

Pós-Graduação 38, 63, 91, 106, 133, 142, 143, 145, 150, 151, 153, 171, 194, 217

Práticas 3, 16, 38, 41, 42, 49, 50, 51, 54, 74, 84, 86, 90, 95, 97, 100, 102, 103, 104, 105, 109, 118, 119, 120, 123, 125, 126, 128, 131, 132, 144, 145, 151, 155, 163, 167, 177, 200, 205, 216

Professor Mediador 134

Projeto de Extensão 29, 30, 31, 32, 38

Psicologia 1, 3, 17, 18, 20, 23, 24, 27, 28, 40, 91, 92, 104, 105, 120, 130, 151, 182, 186, 200, 214, 216, 219

S

Sujeito Social 41, 44, 169, 204, 211

T

Teorias Críticas 142, 145, 149, 150, 151

V

Vagas 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 109

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020